

POPULISMO: O GRANDE LEVANTE SEMIÓTICO¹

Jacques Fontanille²

*Tradução para o português e revisão³:
Jacques Fontanille, Kati Caetano⁴ e Fernando Moreira⁵.

RESUMO: *Populismo* e *populista* são denominações que, ao mesmo tempo, são mal definidas – até indefiníveis – e cuja enunciação é, no entanto, eficiente. O argumento inicial deste estudo consiste em uma inversão dessa relação: é justamente por essa indeterminação que a enunciação é eficiente. A dificuldade de uma definição estável de *populismo* é uma consequência direta da transformação contemporânea do *actante coletivo*, ao qual chamamos *povo*, que é, ele próprio, hoje em dia, indeterminado, fluante e heterogêneo. Um dos desdobramentos dessa situação consiste em reivindicar a denominação *populista*, porque essa reivindicação pública é uma legitimação tanto da existência de um actante coletivo chamado *povo* quanto da coerência de temas e posições políticos associados. Assim, circunscrevemos o problema a ser tratado: por um lado, atribuímos ao populismo temas e posições políticos que não lhe são especí-

¹ Uma versão francesa deste estudo dedicada ao populismo foi publicada no número 123 da revista online *Actes Sémiotiques* [ISSN: 2270-4957], sob o título *Populisme: le grand chambardement sémiotique?* no dia 28 de fevereiro de 2020 (FONTANILLE, 2020). DOI: 10.25965/as.6440

² Université de Limoges, Centro de Pesquisas Semióticas, Limoges, França. Professor emérito. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1141-1596>. jacques.fontanille@unilim.fr.

³ Registramos nosso agradecimento à professora Dra. Lucia Teixeira, docente da Universidade Federal Fluminense (UFF), pela leitura desta versão traduzida para o português. As pontuações e sugestões apresentadas foram valiosas.

⁴ Universidade Tuiuti do Paraná, Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens – PPGCom/UTP, Curitiba, Paraná. Professora titular. Doutora em Letras, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo – SP – Brasil, com estágios pós-doutorais em Semiótica (EHES / Université de Limoges) e em Lingüística (Université de Paris VII e École Normale Supérieure de Lyon) Pesquisadora CNPQ – Produtividade em Pesquisa e líder do Grupo de Pesquisa INCOM – Interações Comunicacionais, Imagens, Culturas Digitais/UTP/CNPQ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8385-1390>. katicaetano@hotmail.com.

⁵ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo – SP – Brasil. Mestrando bolsista CNPq em Semiótica e Linguística Geral. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8903-4415>. emaildofernandomoreira@gmail.com.

ficos e, por outro, associamos o populismo a *paixões tristes* (desconfiança, rejeição ao outro, sofrimento, ódio, medo...). Segundo pesquisas de opinião pública, tais paixões são compartilhadas pela maioria dos cidadãos, muito além apenas daqueles que votam nos candidatos populistas. Nossa hipótese é, então, que, no caso do voto e da expressão política populistas, essas paixões chamadas *tristes* funcionam como *atratores* dos temas e posições políticos associados ao populismo.

PALAVRAS-CHAVE: Atrator. Eleições. Enunciação. Legitimação. Paixões. Povo. Populismo.

POPULISM: THE HUGE SEMIOTIC UPHEAVAL?

ABSTRACT: *Populism and populist are names which, at the same time, are ill-defined, even undefinable, and whose enunciation is nevertheless efficient. The initial argument of this study consists of an inversion of this relationship: it is precisely because of this indeterminacy that their enunciation is efficient. The difficulty of a stable definition of populism is a direct consequence of the contemporary transformation of the collective actant which is called people, which is today itself indeterminate, fluctuating and heterogeneous. One of the consequences of this situation consists in claiming the populist denomination, because this public claim is a legitimation, both of the existence of a collective actant called people, and of the coherence of the political themes and positions associated. We thus circumscribe the problem to be treated: on the one hand, we attribute to populism political themes and positions that are not specific to it, and on the other hand, we associate populism with sad passions (distrust, rejection on the other, suffering, hatred, fear ...), which opinion studies on collective passions show that they are also shared by the majority of citizens, far beyond those who vote for populist candidates. Our hypothesis is then that, in the case of populist voting and political expression, these sad passions function as attractors for the political themes and positions associated with populism.*

KEYWORDS: *Attractor. Elections. Enunciation. Legitimation. Passions. People. Populism.*

1. Preâmbulo: o *populismo* pode denominar uma proposta científica de pesquisa?

Quando uma pesquisa é realizada a partir de um problema ou de uma área já fortemente marcada e superutilizada pela mídia e pelo discurso político,

a primeira dificuldade a surgir é, precisamente, encontrar o termo, na língua, que a classifique mais adequadamente. Populismo? A que se atribui exatamente o nome *populismo*? As tentativas mais comuns de definição nos discursos da mídia listam expressões temáticas de uma série de posições políticas, entre outras: o nacionalismo, o afastamento de interesses individuais ou familiares, a xenofobia e até a fobia de tudo que é *outro*, a alteridade, tudo o que fuja do comum, o medo da invasão migratória e de que ocorra uma *grande substituição*, a violência e a ameaça verbal e / ou física, o culto ao poder, a rejeição das elites e da representação política e, obviamente, o apelo ao povo, contudo, nenhuma dessas posições políticas é estritamente reservada ao *populismo* e cada uma delas pode ser adotada separadamente, sem o tom que todos parecem nele reconhecer.

O acúmulo de todas essas posições poderia ser chamado de *populista*? A hipótese é tentadora, mas devemos resistir a essa tentação, porque se um tom populista pode funcionar como *um atrator que coagula e legitima* um conjunto de posições políticas tão diversas, não são essas posições que o definem, mas seu papel *de atrator legitimador*. É precisamente este último que deverá ser colocado em discussão. A dificuldade em definir o populismo, portanto, não apenas opõe uma resistência ao método de análise, mas também remete à questão da maneira de se abordar o fenômeno: a palavra «populismo» e sua própria colocação em discurso trazem, em si, um questionamento a essa problemática.

Para esclarecer um pouco o problema a circunscrever, tomemos outro exemplo, menos enigmático, antes de chegar ao cerne de nosso assunto: aquilo que se designa hoje a *mobilidade*. Se deixarmos de lado a *mobilidade articulatória* e as dificuldades patológicas dos pacientes cuja *mobilidade* é reduzida, resta, essencialmente, a *mobilidade* espacial (portanto, os deslocamentos e os transportes) e a *mobilidade* profissional (portanto, as mudanças de emprego ou de atividade profissional). No domínio dos deslocamentos, o próprio conceito de *mobilidade* apareceu durante os anos 1930-1940 no campo da sociologia, principalmente na Escola de Chicago, mas evocou apenas as mudanças de domicílio. Paralelamente, foram os engenheiros que começaram a se interessar pelo tráfego urbano e periurbano, mais particularmente pela circulação automobilística. A conjunção dessas duas preocupações, sob o termo de *mobilidade*, apareceu apenas durante os anos 1960-1980, e essa conjunção foi feita, sempre dentro da Escola de Chicago, sob a autoridade da *economia dos transportes* e, na França, sob a *socioeconomia dos transportes*. Essa nova concepção de *mobilidade* é tributária, por um lado, do desenvolvimento do que já era chamado de *neoliberalismo* em Chicago e, por outro lado, da implementação, na França, do *planejamento racional*: ambos defendem, de fato, uma nova *gestão* das mobilidades, com vistas

ao seu crescimento exponencial, que deve incentivar a satisfazer os objetivos econômicos, seja do neoliberalismo, seja do planejamento estatal⁶. Pouco a pouco, e sob o efeito de uma generalização operada por sua base econômica comum, a *mobilidade profissional* se junta à *mobilidade espacial*, em uma mesma noção que recobre o conjunto das mobilidades necessárias para a satisfação de interesses econômicos. Não surpreende, portanto, que esse novo significado de *mobilidade* também possa ser a denominação dadas às crescentes dificuldades dos empregados e trabalhadores para gerenciar os deslocamentos entre seu local de residência e seu local de trabalho, ou das ondas de desemprego, seguidas de reintegração, de retorno ao trabalho e, muitas vezes, de *mobilidades espaciais* sofridas.

O exemplo da *mobilidade* é esclarecedor porque dispomos, hoje, de um número suficiente de obras e publicações que nos permitem entender o percurso da construção sociosemiótica desse campo de reflexão e pesquisa. O mesmo, contudo, não se aplica ao *populismo*, pois essa noção parece escapar a qualquer definição estabelecida, como lembra Ernesto Laclau, reconhecido especialista na reflexão política e filosófica a respeito de *populismos*:

Populismo é um conceito tão recorrente quanto evasivo. Poucos termos foram tão amplamente utilizados na análise política contemporânea, embora poucos tenham sido definidos com tão baixa precisão. Sabemos, intuitivamente, a que nos referimos ao chamarmos de populista um movimento ou uma ideologia, mas temos a maior dificuldade em traduzir essa intuição em conceitos. Isso levou a um tipo de prática *ad hoc*: o termo continua a ser usado de maneira puramente alusiva e qualquer tentativa de verificar seu conteúdo é abandonada (LACLAU *apud* TAGUIEFF, 1997, p. 143, tradução nossa)⁷.

Essa ausência de uma definição bem estabelecida era comumente observada no fim dos anos 1970: permaneceríamos em uma indeterminação como a de outrora? Certamente! A noção de populismo, de fato, vem tanto do domínio da História (para nos lembrarmos das versões mais antigas, russas e latino-americanas, muito diferentes das versões contemporâneas) quanto do domínio das

⁶ Sobre história da noção de *mobilidade*, ver Commenges (2013).

⁷ Texto original : « *Populisme est un concept insaisissable autant que récurrent. Peu de termes ont été aussi largement employés dans l'analyse politique contemporaine, bien que peu aient été définis avec une précision moindre. Nous savons intuitivement à quoi nous nous référons lorsque nous appelons populiste un mouvement ou une idéologie, mais nous éprouvons la plus grande difficulté à traduire cette intuition en concepts. C'est ce qui a conduit à une sorte de pratique ad hoc : le terme continue d'être employé d'une façon purement allusive, et toute tentative de vérifier sa teneur est abandonnée* ». (LACLAU *apud* TAGUIEFF, 1997, p. 143).

ciências sociais (especialmente a Ciência Política) e, mais perto dos semioticistas, do domínio da análise dos discursos políticos. Hoje, porém, é difícil identificar um caminho do mesmo tipo que o experimentado pelo conceito de *mobilidade* e que permitiria pelo menos compreender em que direção, pela convergência entre as diferentes abordagens disciplinares, um conceito de *populismo* tenderia a se impor - e quais os desafios para que isso ocorresse. É claro que os estudos de teorias políticas e a análise de discursos estão engajadas em um processo crítico de desconstrução e vigilância ideológica, mas não têm, com relação a essa noção, um verdadeiro projeto coletivo de modelagem que visaria, por exemplo, como as Ciências Econômicas a uma *mobilidade*, a uma gestão global com vistas à expansão e à consecução de objetivos econômicos, sociais ou de outra natureza, ou mesmo ao contrário...

A questão preliminar é, portanto, precisamente esta: devemos adotar como título de um problema semiótico um termo da linguagem corrente tão mal definido? Sim, sem dúvida, com a condição de questionar as tendências de seu uso e de sua enunciação, de modo a contribuir para uma eventual e futura *modelagem* prospectiva.

2. Como uma definição difícil, se não impossível, pode se tornar um problema semiótico específico

2.1. O indizível núcleo atrator

O populismo, como categoria de análise política, nos confronta com dificuldades específicas. Primeiro, por sua recorrência: ele serve para definir todos os tipos de movimentos políticos que apresentam certos traços comuns. Entre esses movimentos políticos, distinguimos, em geral fortemente, aqueles que endossam as posições nacionalistas e / ou xenófobas e aqueles que permanecem abertos ao que é diverso e ao estrangeiro. Essas distinções, contudo, baseadas na presença ou na ausência deste ou daquele tema político, agem, apenas, no intuito de dificultar a identificação de um núcleo comum. Por outro lado, como já apontamos acima, a capacidade do populismo de reunir todas essas posições temáticas diferentes já confere a esse núcleo comum, tão difícil de circunscrever, uma propriedade semiótica elementar: é um *atrator* (cf. acima), na medida em que *aspira* a reunir tais temas distintos. Nesse estágio, esse atrator, como os buracos negros do cosmos, parece não ter outra propriedade aparente além de sua força de atração.

Num segundo momento da análise, no entanto, parece que o atrator populista tem uma particularidade capaz de legitimar essas posições políticas tematizadas, ao mesmo tempo em que as une. Na maioria das vezes consideradas *politicamente incorretas* pelos grupos e pelas mídias dominantes, o mero fato de serem atraídas e reunidas em um espaço semiótico comum e específico lhes confere uma legitimidade que elas não teriam separadamente. Alguns acharão a metáfora ousada e depreciativa; ainda assim, ousemos: o dinheiro de origem duvidosa, fruto de transações ilegais ou de algum tipo de remuneração, em todo caso obscura, deve ser *lavado*, antes de ser colocado em circulação novamente na economia legitimada, e o responsável por essa *lavagem* do dinheiro deve permanecer oculto, invisível e escondido para poder agir. Em outras palavras, se estendermos a analogia, o atrator misterioso a que nos referimos pode dever parte de sua legitimidade à sua natureza misteriosa. Voltaremos obviamente a esse acoplamento [atração + legitimação], tendo em mente que a legitimação, no caso do atrator *populismo*, só ocorre (mas por quanto tempo?) no interior da esfera populista, primeiramente, permanecendo estigmatizada no exterior.

Apesar dessa definição inapreensível, a própria enunciação do termo *populismo*, seja descritiva, estigmatizante, pejorativa ou valorizante, pretende, no entanto, apreender e projetar publicamente um aspecto central desses movimentos e posições políticas, uma espécie de *essência* intuitiva do populismo. Enunciar *populismo*, mesmo que não se saiba formular sua definição, pressupõe que o pressente e assuma um núcleo semântico essencial e que o mero fato de o enunciar muda algo no relacionamento que se pode ter com as realidades políticas e ideológicas assim designadas. Em outras palavras, a imprecisão do conceito não é um obstáculo à sua agentividade, pode até ser uma condição para ela. Uma análise puramente funcional e comportamental (*para que serve?*) poderia mesmo ser realizada, sem conhecimento explícito da *caixa preta* semêmica⁸ subjacente.

Poderíamos, então, nos perguntar se esse caráter vago e impreciso não seria resultado de um ajustamento coletivo, ou mesmo de uma estratégia implícita, implementada sem o conhecimento até daqueles que a adotam, mas, ainda assim, compartilhada pela maioria dos discursos de análise dessa noção. Uma das características da literatura dedicada ao populismo é de fato *a relutância* – apresentada como uma resistência ao conceito e às práticas relacionadas – em transformar essa noção vaga em um conceito preciso. A ausência de clareza conceitual seria então uma construção da própria análise. Uma revisão detalhada da literatura

⁸ Para constar: um *semema*, na tradição da semântica estrutural, é uma montagem hierárquica de características relevantes (*semas*) que perdura em todos os usos e em todos os significados diferente da mesma noção: é o núcleo semântico.

mostraria que os analistas parecem recorrer a um tipo de intuição central, da ordem de um *sentimento assumido*, que seria suficiente, como sugerido acima, para legitimar a enunciação da noção. E, uma vez que esse sentimento assumido foi apresentado, a análise continua geralmente por meio de uma enumeração de traços apresentados como *pertinentes*, mas cuja pertinência raramente se baseia em oposições pertinentes no sentido estrito.

Se, por exemplo, um dos traços pertinentes mais evidentes pode ser a consideração dos interesses e aspirações do *povo*, é difícil ver qual líder político não poderia reivindicar, de uma maneira ou outra, uma tal posição. Do mesmo modo, se colocarmos como traço pertinente do populismo o fato de dizer às pessoas o que esperam que lhes seja dito, dificilmente encontraremos um líder pronto a assumir o contrário, a menos que ele já tenha decidido renunciar em breve ao seu mandato. Nesse caso, porém, surge o início de uma oposição relevante: alguns se referem a uma entidade holística e vaga: o *povo*. Outros fazem *alusão* a essa ou aquela categoria de eleitores, essa ou aquela parte da população, mas cujo recorte é, da mesma maneira, dificilmente bem delimitado. De fato, a construção de um semema característico do populismo se torna cada vez mais distante, pois as análises acumulam exceções, variantes e conjuntos nebulosos.

2.2. Da proliferação de expressões ao esvaziamento de conteúdo

A evolução do pensamento de Ernesto Laclau, oriundo de uma corrente socialista do peronismo, dá conta claramente dessa estratégia de decomposição progressiva do conceito. Em um primeiro momento, nos anos de 1970 e 1980 (LACLAU, 2011 [1977]), ele constata a dissolução da classe trabalhadora e dos movimentos que ela carregava, e o aparecimento de *novos movimentos sociais* (feminismo, ecologia, comunitarismo e múltiplos particularismos) (LACLAU, 2011 [1977]). Ele defende, então, um projeto de “democracia radical” que permitiria a todos esses movimentos conquistar a hegemonia e, então, a soberania política, um após outro, ou todos juntos. (LACLAU; MOUFFE, 1985). Com a ajuda da desconstrução pós-moderna, no entanto, a alternativa proposta se depara com uma perspectiva de segmentação social potencialmente infinita, com múltiplas particularidades a serem levadas em conta, com a indeterminação e a contingência dos componentes dessa chamada *democracia radical*.

Consequentemente, em um segundo momento, foi-lhe preciso propor uma solução para explicar como um novo actante coletivo, indeterminado, porém eficiente, poderia levar o projeto de tal democracia (LACLAU, 2005). E, como Stathis Kouvélakis escreve:

Em linhas gerais, essa nova articulação do universal e do particular repousa na implantação da lógica hegemônica como uma via de acesso *a um universal definido como um “espaço vazio”, ou seja, desprovido de um “conteúdo”* predeterminado, que um indivíduo tenta preencher sem jamais conseguir (KOUVÉLAKIS, 2019, ênfase nossa, tradução nossa)⁹.

Circunscrever tal “espaço vazio” não é simples e, de fato, as explicações de Laclau são particularmente complicadas. Deve-se primeiro supor que esse espaço sem conteúdo não seja inteiramente vazio: forças dispersivas e coesas, socialmente mais ou menos indeterminadas, suscitam movimentos de proliferação, de ruptura e de reagregação: “vivemos em um terreno histórico em que a proliferação de pontos de ruptura e antagonismos exigem cada vez mais formas políticas de reagregação” (LACLAU, 2005, p. 230). As forças que não se estabilizam em alguma forma, contudo, apenas dão origem a um vazio conceitual (semioticamente falando: tensões sem direções identificáveis e, tampouco, correlações estabilizadas). Laclau e Mouffe concordam e tudo ocorre como se a *razão populista* tivesse a intenção apenas de instaurar esse vazio ontológico:

Como a sociedade muda ao longo do tempo, *esse processo de identificação do significante vazio* será sempre precário e reversível; vários projetos ou intenções tentarão hegemonizar *os significantes vazios da comunidade ausente*. O reconhecimento da natureza constitutiva desse hiato e sua institucionalização são o ponto de partida da democracia moderna (LACLAU; MOUFFE, 1985, p. 46, ênfase nossa, tradução nossa)¹⁰.

Observemos, a propósito, o argumento pressuposto: a sociedade muda com o tempo, o que ninguém conseguiria refutar, mas também podemos ver a quase-renúncia intelectual: uma vez que a sociedade muda, sendo, tais mudanças, contingentes, socialmente indeterminadas, proliferadoras e inapreensíveis, não há nada mais a propor, com vistas à *democracia radical*, do que buscar *re-agregações* com objetivos hegemônicos, porém, mais ou menos aleatórios, em um

⁹ Texto original: « Dans ses grandes lignes, cette nouvelle articulation de l'universel et du particulier repose sur le déploiement de la logique hégémonique en tant que voie d'accès à un universel défini comme un « espace vide », i.e. dépourvu d'un « contenu » prédéterminé, qu'un particulier tente de combler sans jamais y parvenir» (KOUVÉLAKIS, 2019).

¹⁰ Texto original: « Comme la société change au cours du temps, ce processus d'identification du signifiant vide sera toujours précaire et réversible, divers projets ou volontés tenteront d'hégémoniser les signifiants vides de la communauté absente. La reconnaissance de la nature constitutive de ce hiatus et son institutionnalisation sont le point de départ de la démocratie moderne » (LACLAU ; MOUFFE, 1985, p. 46).

significante vazio, operações após as quais pode-se supor que o significante vazio será preenchido com um significado, efêmero, contúdo, e sempre repellido por outros, sendo esses igualmente *hegemonizantes*. Em outras palavras e de maneira mais descuidada, os novos movimentos populares estão se esforçando para obter soberania política em uma ordem dispersa e aleatória.

Entendemos, então, que, em sua versão radical, a definição de populismo assume por completo, ao mesmo tempo, a *proliferação de expressões* e o *vazio de conteúdo*, e que as versões mais moderadas, que são reticentes em definir o populismo, não passam de um eco enfraquecido da versão radical. Laclau e Mouffe (1985) reinventam, de certo modo, a estrutura semiótica do absurdo: significantes tão proliferativos, difusos e incoerentes que só podem se associar a significados evanescentes e, no limite, vazios (FONTANILLE, 2015). No entanto, não é do absurdo que ele nos fala, mas da *democracia moderna*, como pode ser concebida pela *razão populista*. E sua principal diferença da estrutura semiótica do absurdo é que esse “vazio de conteúdo” ainda é habitado por *forças*, pelo menos as da atração. Voltaremos à questão adiante.

2.3. O grande levante

A configuração semiótica extraída da reflexão de Laclau é composta (simplificando um pouco, reitere-se) de dois elementos principais: por um lado um *povo* (um actante coletivo) cujas expressões são doravante particularizantes e proliferantes e, por outro lado, um *espaço vazio*, mas dotado de forças, o *populismo* (regime semiótico e forma de vida), em que aquelas expressões podem ser projetadas para ganhar posições hegemônicas (em outras palavras, soberania política).

Vamos primeiro lembrar o ponto de partida: uma mudança histórica da qual se tributa a noção conceitual de *povo*. Antes, o *povo* equivalia primeiro às classes trabalhadoras (o *Terceiro Estado* francês), depois, com a industrialização, às classes pobres, trabalhadoras e ... *perigosas* e, finalmente, de um ponto de vista marxista, à classe operária visando a uma posição hegemônica e universal, uma vez neutralizadas as diferenças entre classes sociais (Lênin e Stálin fizeram grande uso de *povo* nesse sentido). Em suma, antes da mudança histórica observada por E. Laclau, o *socialismo* e o *marxismo* dotaram o “*povo*” de um *dever universal positivo* e “*pleno*”, o de um actante coletivo fortemente estruturado de um ponto de vista institucional, determinado e unificado por valores comuns. Um actante coletivo compacto e homogêneo constituindo um regime semiótico e uma forma de vida determinada, plena e coerente. Esse é o objetivo escatológico do marxismo.

A classe trabalhadora como um *povo em devir*, contudo, entra em colapso em vez de se universalizar e movimentos múltiplos e aleatórios tomam seu lugar.

Após essa transformação histórica, o *povo* se torna um conjunto actancial indeterminado, constituído de uma proliferação de entidades particulares e de segmentos múltiplos, contingentes e em movimento perpétuo. Para dotar esse novo povo de um devir universal, é necessário inventar para ele um espaço semiótico prospectivo indeterminado e sem princípio de unificação: o *significante vazio* do atrator.

A ausência de uma definição clara e bem estabelecida de populismo, convertida em problema semiótico, encontra, então, uma explicação provisória, pelo menos como uma hipótese de trabalho: é a concepção de povo que mudou, especialmente em sua definição actancial. *Povo*, dessa maneira, não é mais o nome de uma totalidade integral, de um actante *sólido e pleno* e, portanto, suscetível a portar em si, globalmente, projetos de sociedade, de sistemas de valores, de se institucionalizar e de exercer uma soberania coletiva. *Povo* se tornou o nome de outro tipo de actante, menos delimitado ou palpável, metaforicamente mais *híbrido* ou *maleável*, uma profusão de individualidades mais ou menos agregadas e submetidas a forças antagônicas que inibem qualquer perspectiva de totalização¹¹.

Observemos de passagem que essa nova aceitação da noção de *povo* permanece perfeitamente compatível com o *individualismo epistemológico e metodológico*, próprio das teorias ligadas ao neoliberalismo, uma concepção também baseada na proliferação, mais ou menos agregadora, de fenômenos individuais, de singularidades e particularismos cujo destino final é preencher um espaço global vazio de qualquer determinação e de todo conteúdo próprios. O individualismo metodológico radical dispensa toda consideração social global e totalizante e é também a principal fonte epistemológica da economia clássica contemporânea, como concebida e promovida pela Escola de Chicago.

Em face dessa nova concepção de *povo*, lembremos que o populismo, em sua versão radical, visa a um espaço conceitualmente vazio e dotado de forças de atração, por princípio e por constituição.

¹¹ Já mostramos em *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1991), com Greimas, que um *actante apaixonado*, devido à sua composição modal, mais ou menos coesa, poderia ser um *todo* instável. Retomamos esse tema em *Corpo e Sentido* (FONTANILLE, 2011) propondo o conceito de *corpo-actante*, cuja forma actancial está sujeita a variações de consistência e a forças coesivas e dispersivas. *A fortiori*, para um actante coletivo composto por partes e agitado por fluxos, a questão da consistência surge imediatamente. E se seguirmos Jean-François Bordron em sua análise merológica de objetos (BORDRON, 1991) cada tipo de consistência actancial seria a manifestação de um tipo de intencionalidade: portanto, a consistência seria, nesse sentido, decisiva para a capacidade de um actante se envolver em algum regime de significado, em algum tipo de interação.

Com o que podemos, então, *preenchê-lo*, se ainda tentarmos circunscrever o que é populismo? Pierre-André Taguieff, entre muitos outros, fornece em um artigo de 1997, retomado em 2007, um estudo léxico-político muito completo e notável das diferentes dimensões e formas do populismo. Esse estudo começa, como se poderia esperar, com uma longa descrição das flutuações do conceito e continua como uma tentativa de *preenchimento* desse espaço conceitual confuso, vago e em constante mutação. Ele propõe, efetivamente, uma taxonomia do populismo: o populismo como movimento social, como regime político, como ideologia, como atitude, como retórica e como legitimação (TAGUIEFF, 1997). A taxonomia não parece tocar o núcleo semêmico da noção, que permanece uma caixa preta, e repousa sobre um inventário (que, em princípio, permanece aberto) de suas diferentes facetas, formas institucionais e / ou usos estratégicos do populismo: reivindicações (movimentos sociais), organizações e instituições políticas (os regimes populistas), comportamentos individuais ou coletivos (as atitudes), discursos (a retórica populista). Se não pudermos dar conta da estrutura profunda do populismo, e por boas razões (cf., acima, o *significante vazio*), podemos, pelo menos, classificar suas manifestações e fazer o inventário dos domínios práticos nos quais ela se exprime. Classificar, contudo, práticas populistas, ou facetas de uma noção, não significa as definir no que todas elas têm em comum.

Resta a *legitimação*, identificada por Pierre-André Taguieff, e à qual reservamos agora um desenvolvimento específico, embora bem distante do que ele quer dizer com esse termo.

3. Reivindicar populismo: assumir para legitimar

Sendo o *populismo* o nome de um espaço escatológico vazio de todo conteúdo, de acordo com nossa hipótese de trabalho, podemos agora nos perguntar por que essa noção é tão popular e, de um ponto de vista semiótico, por que os termos *populismo* e *populista* reaparecem com tanta frequência nos discursos políticos e nos comentários da mídia. Dado que os usos destinados à estigmatização do outro (*Pierre argumenta como populista. Senhor, você é populista!*) participam de táticas retóricas já bem conhecidas, baseadas na inversão axiológica de denominações originalmente descritivas (cf. Socialismo e Comunismo, que se tornaram *social-comunismo*¹² nos discursos de Jacques Chirac), estamos interessados, sobretudo, na reivindicação populista (*Sim, sou populista*).

¹² Esse fenômeno é bem conhecido, tanto que tem um nome no repertório clássico de figuras de retórica: enantiosemia.

3.1 *Sim, não, **Sim** !*

Primeiramente, vamos esclarecer em que consiste essa reivindicação do populismo. Antes do período contemporâneo de ascensão do populismo no mundo, os populismos anteriores se apresentavam como reivindicativos, até mesmo revolucionários, o que implicava um percurso narrativo elementar, constituído: (i) pela negação de uma situação anterior considerada prejudicial para e pelo povo, e (ii) pela afirmação de uma nova era baseada em condições mais favoráveis a este último. A posição P0 é seguida pela posição não-P0 e a posição não-P0 pela posição P1.

Seja [P0 → não-P0 → P1]

Sob essas condições, reivindicar o populismo era focar primeiramente na negação de P0 (acentuação da negação) e, em segundo lugar, na afirmação de P1 (asserção). Era a época em que *povo* podia coincidir com uma parte identificável da população. Na era contemporânea, em que *povo* significa outra coisa, a reivindicação do populismo funciona de maneira bastante diferente.

No verbete “Asserção” de seu dicionário, Greimas e Courtès (1979) propõem uma análise da série *oui, non, si* [sim, não, **Sim**]¹³ O raciocínio baseia-se no funcionamento da “sintaxe fundamental”, ou seja, das “operações elementares realizadas no quadrado semiótico” (GREIMAS; COURTÈS, 1979, p. 23, coluna à esquerda). Essa sintaxe começa em S2 (*não*) e, em seguida, por negação, produz o contraditório não-S2 (**Sim**) e, finalmente, por asserção, o termo oposto a S2 : S1 (*sim*). Essa sintaxe [não → **Sim** → sim], por mais fundamental que seja, é, no entanto, contra-intuitiva: o uso intuitivo que os franceses fazem do **Sim** (*si*) em sua língua natural, especialmente nas trocas de conversas, é mais uma afirmação intensa, que segue uma primeira negação (Não-não, ou não-S2). Em outras palavras, **Sim** (*si*) mantém a memória de uma negação de *sim* e a reafirma refutando um *não* intermediário.

Seja [sim → não → **Sim**].

¹³ Tal tradução precisou ser por nós particularizada. Em francês, temos *Oui* e *Si* que podem ser usados para o sim, em português, sendo este a negação do não (o que, para o português, seria o não-não. Isto é, o não-S2) e aquele, o termo oposto a S2 (sim). Adotamos, aqui, por critérios unicamente metodológicos, a representação gráfica **Sim** (*não-S2*), portanto, para diferenciá-la do sim (termo contrário ao S2).

A reivindicação populista de hoje procede da mesma maneira que o modelo da sintaxe fundamental proposto por Greimas e Courtés, mas na versão adaptada ao uso conversacional. Uma posição política P1 (*sim*) sendo expressa, é refutada como *populista*: não-P1 (*não*); a reivindicação populista é então uma afirmação intensiva, que converte P1 em P2 [**Sim** (*si*)].

Seja [P1 → não-P1 → P2], mas correspondente à série [sim → não → **Sim**].

Essa série se baseia em outra (a precedente, que já observamos em populismos anteriores), a saber, aquela pela qual o populismo refuta um estado anterior e afirma, em seguida, uma nova era. A segunda série começa, portanto, como uma refutação dessa nova era e a sequência das duas séries pode ser formulada da seguinte maneira:

[P0 → não-P0 → P1 (sim) → não-P1 (não) → P2 (**Sim**)]

O alinhamento em uma única sequência, no entanto, não faz justiça a uma mudança na natureza das operações. Na primeira série, o actante que opera a transformação atua diretamente no mundo: ele transforma a realidade, ele *predica* uma nova era. Na segunda série, o actante opera apenas sobre si mesmo, sobre os valores e o *éthos* que acompanham a primeira série: ele *assume* o *éthos* com o qual ele *predicou* uma nova era. *Predicar* e *assumir* são as duas operações elementares que, para Jean-Claude Coquet (1984-1985), distinguem respectivamente o *não-sujeito* e o *sujeito*. A diferença entre essas duas instâncias pode ser expressa nos termos de suas respectivas modalizações: a segunda é regida por um *meta-querer*, do qual a primeira está privada.

Entre os dois, a negação de P1, operada pelo oponente ao populismo (que não é necessariamente o detentor da posição P0), funciona como um *juízo* e não como um retorno à posição inicial P0. Esse *juízo* procede por inversão axiológica: apresentada pelo ator populista como positiva em relação aos interesses da população, a *apresentação* da nova era considerada positiva é então ela mesma, como *apresentação*, julgada como negativa e desvalorizada: *populista* mudou a orientação axiológica.

Entre as duas séries, portanto, não apenas mudamos de instância semiótica (o *não-sujeito* da predicação-transformação → o *sujeito* da assunção), mas também de nível de pertinência: o populista é julgado ao mesmo tempo pela natureza da nova era que ele propõe e, acima de tudo, por sua credibilidade argumentativa, seu *éthos* e, conseqüentemente, por sua *enunciação*. Para o oponente,

ele age como populista e, acima de tudo, enuncia e defende sua ação de maneira populista. Para aqueles que são assim desvalorizados, trata-se principalmente de assumir seu *éthos* e sua enunciação e, para isso, devem assumir o rótulo *populista* (a enunciação do nome!) para reverter sua orientação axiológica, restituindo-lhe seu estatuto ou posição original.

O resultado geral dessas duas séries interligadas é, precisamente, o surgimento dessa disputa axiológica a propósito de *éthos enunciativo* que cobre a luta política pela mudança de *estados de coisas*. E, para explicar essa duplicação, ou estatuto cindido pela disputa dos *éthos* enunciativos, tivemos que distinguir em P1 (a nova era): (i) um *estado de coisas* e (ii) uma *apresentação* desse estado de coisas: a afirmação (asserção) de P1 é, ao mesmo tempo, o produto de uma *transformação* social e sua própria *apresentação*. Nesse sentido, após uma primeira apresentação (na posição P1), a reivindicação populista pode ser considerada uma *re-apresentação, ou atualização*, (na posição P2).

3.2. Um blog: Acabo de descobrir que sou populista!¹⁴

Eis aqui uma reivindicação enunciativa, surpreendentemente insistente e enfática: a enunciação não se contenta em reivindicar ou assumir o qualificativo *populista*, ele reivindica o assumir e, portanto, adota uma postura de *re-apresentação*!

Sim, você me ouviu bem, eu sou essa palavra suja. Enfim ... palavrão para alguns. Porque raramente uma palavra foi tão pervertida por aqueles que ela assusta. Mas vamos explicar.

Originalmente, o populismo, palavra cunhada no final do século XIX, caracteriza o que diz respeito ao povo e aos seus interesses, em oposição aos das elites. [...]. É importante aqui definir o que é o povo, [...] o que quero dizer com povo: aqueles que não são as elites.

[...] O populismo é uma atitude e fingir o contrário é pura manipulação da opinião pública, mas voltaremos a ela. O populismo é a rejeição das mentiras das elites e de sua opressão. É uma manifestação de cólera perfeitamente legítima diante de promessas não mantidas, as de políticos de várias gerações; diante da negação da autoridade do povo, sobre o qual esquecemos que, ao conceder seu poder, não se trata de um dom defini-

¹⁴ Blog pessoal (GUERSAN, 2018).

tivo, mas de uma troca de boas práticas; diante da humilhação de serem tratados como mendigos e forçados a reverenciar a opulência das elites que vivem às custas da realeza.

[...] e sim, sou populista. Vou retomar esta bela expressão de Hubert Védrine: “O populismo é o fracasso das elites”. Frase provavelmente tirada do contexto, mas da qual gosto muito tal como ela é.

O populismo é a oposição de um povo às suas elites que se atrevem a privá-lo de sua soberania (os deputados não são mais nada, o executivo faz o que quer sem contra-poder), de seus meios de existência (pela extensão das taxas e impostos), de seu direito de se expressar (pela censura) e de suas escolhas sociais (invasão migratória, ditames da Alemanha, da UE, dos chamados especialistas de todos os lados...).

O populismo não é uma ideologia, é um grito de sofrimento.

E diante desse grito de sofrimento, o que fazem nossas belas elites? Elas manipulam, é claro, menosprezando a atitude legítima de um povo que elas oprimem há muito tempo. Elas se lançaram à palavra populismo, denegrindo-a em todos os lugares, porque, sabemos bem, qual é o peso das palavras. Com as palavras, usurpa-se o poder e dele se abusa, faz-se a guerra e a paz. [...] As palavras, são atos, e não apenas as vibrações no ar.

Portanto, esses manipuladores desejavam desviar a palavra “populismo”, torná-la vulgar e, mais do que isso, vergonhosa. Eles fizeram tudo para a demonizar, acusá-la de todos as transgressões, confundi-la com uma extrema direita que efetivamente desapareceu de nosso cenário político.

Bem, eu, cuja família lutou com honra contra o nazismo e os extremos, eu a elevo, essa palavra. Eu me orgulho dela. Eu a reivindico. E a afirmo bem alto: sou populista porque sou a favor do povo” (GUERSAN, 2018, tradução nossa).¹⁵

¹⁵ Texto original : « *Oui, vous m'entendez bien, je suis ce gros mot. Enfin... gros mot pour certains. Car rarement mot aura été autant perverti par ceux auxquels il fait peur. Mais expliquonsnous. À l'origine, le populisme, mot inventé à la fin du XIXe siècle, caractérise ce qui concerne le peuple et ses intérêts, en opposition avec ceux des élites. [...]. Il est important ici de définir ce qu'est le peuple, [...] ce que j'entends par peuple : ceux qui ne sont pas les élites. [...] Le populisme, c'est une attitude, et prétendre le contraire relève de la pure manipulation de l'opinion publique, mais nous y reviendrons. Le populisme, c'est le refus du mensonge des élites et de leur oppression. C'est une manifestation de colère parfaitement légitime devant les promesses non tenues, celles des hommes politiques depuis des générations ; devant le déni de l'autorité du peuple dont on oublie que, lorsqu'il concède son pouvoir, ce n'est pas un don définitif mais un échange de bons procédés ; devant l'humiliation d'être traités comme des gueux taillables et corvéables à merci ; devant l'opulence des élites se goinfrant aux frais de la princesse. [...] Et, oui, je suis populiste. Je m'en remettrai à cette belle expression d'Hubert Védrine : « Le populisme, c'est l'échec*

Sem entrar nos detalhes do argumento, podemos notar, em um início de análise, que o conceito de “povo” deve ser definido primeiro, para que, na sequência, o qualificativo de “populista” possa ser assumido: existe, portanto, um efeito retroativo da reivindicação do populismo na definição do perímetro do actante coletivo em questão, cujos interesses são assumidos e defendidos, mas essa definição sempre enfrenta a mesma dificuldade, porque é apenas negativa: *povo* é tudo o que não são *as elites*. E as elites são, se não definidas especificamente, ao menos evocadas por meio de suas práticas. Contudo, se examinarmos a natureza dessas práticas, elas são principalmente práticas de *apropriação-predação* exercidas contra o povo. A dificuldade, que o autor se esforça para tratar com grande convicção, permanece, no entanto, na íntegra: *o povo é aquela parte da população que sofre com o comportamento das elites, que, por sua vez, não passam da parcela da população que faz o povo sofrer*. O círculo de definição pode não ser vicioso aqui, mas é, no mínimo, infeliz.

Imaginenos, a título de comparação, um povo indígena da América Latina que visse seu mundo desmoronar após o desmatamento e a apropriação de terras por produtores rurais ou agricultores que decidiram se aliar a missionários evangelistas americanos ou brasileiros que lhes abriram o caminho. Até aqui, nada que nos surpreenda: foi o que aconteceu, por exemplo, durante décadas, com o povo *Ayoreo* nas regiões centrais da América do Sul, entre a Bolívia e o Paraguai. Suponhamos, contudo, que esse povo, em vez de se definir da maneira sugerida pela tradução do nome (*aqueles da terra dos porcos selvagens*), pudesse se identificar como *aqueles a quem outros roubaram suas terras, ou aqueles a quem outros fazem sofrer e desaparecer como povo*. Imaginemos que esse povo não encontre outra identidade ou definição de si próprio além de vítima de uma *apropriação-predação*, ou mais especificamente, de ser *tudo aquilo que seus predadores não são*. Se os *Ayoreo* ainda existem, embora com muita dificuldade, é precisamente

des élites ». Phrase sans doute sortie de son contexte, mais qui me plaît bien telle quelle. Le populisme, c'est l'opposition d'un peuple à ses élites qui osent le priver de sa souveraineté (les députés ne sont plus rien, l'exécutif fait ce qu'il veut sans contre-pouvoir), de ses moyens d'existence (par l'ampleur des taxes et impôts), de son droit à s'exprimer (par la censure) et de ses choix de société (invasion migratoire, diktats de l'Allemagne, de l'UE, des soi-disant experts de tous bords...). Le populisme n'est pas une idéologie, c'est un cri de souffrance. Et devant ce cri de souffrance, que font nos belles élites ? Elles manipulent, comme de bien entendu, dénigrant à tout-va la légitime attitude d'un peuple qu'elles oppriment depuis trop longtemps. Elles se sont jetées sur le mot populisme, le dénigrant à tout-va, car on le connaît, le poids des mots. Avec des mots, on usurpe le pouvoir et on en abuse, on fait la guerre et la paix. [...] Les mots, ce sont des actes, et pas seulement des vibrations dans l'air du temps. Alors, ces manipulateurs ont voulu dévoyer le mot « populisme », le rendre vulgaire et, plus que cela, honteux. Ils ont tout fait pour le diaboliser, l'accuser de tous les méfaits, le confondre avec une extrême droite qui a bel et bien disparu de notre paysage politique. Eh bien moi, dont la famille a combattu avec honneur le nazisme et les extrêmes, je le relève, ce mot. Je m'en pare. Je m'en revendique. Et je l'affirme très haut : je suis populiste car je suis pour le peuple » (GUERSAN, 2018).

porque eles podem opor a esse papel de *vítima da predação* uma identidade coletiva que nada deve à existência de grupos econômicos e políticos predadores.

A dificuldade é sempre, do lado do *povo*, um conjunto de particularismos incoerentes em vez de uma identidade coletiva assumida e, do lado do *populismo*, um espaço de projeção vazio e que é concebido para permanecer assim, uma vez que o preenchimento pelo significado é sempre indefinidamente repellido. É claro que existem conflitos, inúmeras ameaças e uma orientação massiva, se não exclusiva, de *apropriação-predação* em detrimento do povo, mas o conceito de povo, aqui, não tem outro conteúdo senão o papel abstrato e multifacetado de *aqueles que os outros espoliam e oprimem*, o que deixa aos grupos predadores total responsabilidade e disponibilidade para definir de que maneira o primeiro é uma *presa* útil e necessária. Em resumo, essa apresentação do *povo* é a de uma representação pela ausência e desenha um lugar, se não vazio, já destinado a também se tornar assim.

Podemos, então, entender que assumir o nome *populismo* e legitimar as posições e práticas a que tal lexema aspira como atrator é iniciar e viabilizar um processo de reconstrução de uma identidade positiva. Iniciar apenas, contudo, graças ao ato de asserção intensiva e de assunção mencionados acima. Converter um conjunto de particularismos em *étos* argumentativo é instaurar um actante da enunciação legítimo. O espaço semiótico em que esse actante se projeta ainda é conceitualmente vazio, mas não desprovido de forças: note-se que, a esse propósito, o povo projetado nesse espaço é, pelo menos aqui, dotado de um papel definido positivamente: um papel patêmico, o *sufrimento*, uma força sem forma, certamente, mas uma força é sempre um potencial de formas ainda não eclodidas. Sofrimento, raiva etc., são as forças passionais que fazem do *espaço vazio* do populismo um atrator para as temáticas populistas. A legitimação por representação-assunção do populismo dá, então, a esse núcleo da paixão, um começo de coesão que torna possível atrair toda a diversidade de temas e movimentos de protesto realizados pelo povo.

3.3. Quando as elites reivindicam seu populismo

O brilho da reivindicação do populismo é ainda mais poderoso quando disseminado pela mídia e assumido por quem tem acesso aos meios de comunicação, ou seja, nos próprios termos do populismo, pelos adversários, pelas elites. Assistimos, então, a um curioso fenômeno discursivo em que o adversário, em vez de desconsiderar as palavras daqueles que ele combate, adota a mesma posição e a imita de certa maneira. É assim que alguns dos integrantes

mais conhecidos das elites políticas e midiáticas reivindicam seu *populismo*, em termos idênticos, à direita e à esquerda. A elite, dessa maneira, participa da *apresentação-assunção semiótica do populismo*, muitas vezes na esperança de obter, subsequentemente, a representação política do povo.

Uma curta antologia:

1) Jean-Luc Mélenchon: “Não quero continuar me defendendo da acusação de populismo. É a aversão às elites - elas merecem melhor? Que todas elas se retirem! Faço um apelo à força da maioria contra a suficiência dos privilegiados. Populista, eu? Eu assumo!” (MÉLENCHON, 2010, tradução nossa).¹⁶

2) Alexis Corbières: “Sim, sou populista. A raiz dessa palavra é a palavra povo. Eu quero agradecer ao povo, sim. [...] E então, quais são os candidatos que não querem agradecer ao povo? O que o povo quer? Ele quer a igualdade, a justiça, a democracia, a honestidade” (*apud* RIETH, 2017, tradução nossa).¹⁷

3) Michel Onfray: “Sim, sou populista. Eu sou um Zemmour à esquerda” (*apud* MARTIN, 2018, tradução nossa).¹⁸

4) Viktor Orban: “Sim, trabalho para o povo e, por isso, sou populista” (*apud* STRASSENBURG, 2018, tradução nossa).¹⁹

O cientista político Dominique Reynié tirou uma conclusão radical dessas reivindicações, fazendo, implicitamente, uma fusão entre o que identificamos como a *apresentação-assunção semiótica do populismo* e a *representação política do povo*: “O populismo é sempre um movimento iniciado pelas elites que estão à margem de um sistema e que tentam ocupar o centro” (REYNIÉ *apud* FEERTCHAK, 2018, tradução nossa)²⁰. Não somos obrigados a aderir a essa visão das coisas, mas a metáfora topológica não deixa de ser interessante; passar das margens ao centro, no espaço político, é isso que a reivindicação populista opera: da estigmatização à reivindicação, o populista afirma e assume ao mesmo tempo, ele legitima a *apresentação* populista por uma inversão axiológica que antes fora, ela mesma, alvo de inversão axiológica por parte do adversário.

¹⁶ Texto original : « *Je n'ai plus du tout envie de me défendre de l'accusation de populisme. C'est le dégoût des élites – méritent-elles mieux ? Qu'ils s'en aillent tous ! J'en appelle à l'énergie du plus grand nombre contre la suffisance des privilégiés. Populiste, moi ? J'assume !* » (MÉLENCHON, 2010).

¹⁷ Texto original: « *Oui, je suis populiste. La racine de ce mot, c'est le mot peuple. Je veux faire plaisir au peuple, oui. [...] Et alors, quels sont les candidats qui ne veulent pas faire plaisir au peuple ? Qu'est-ce qu'il veut le peuple ? Il veut l'égalité, la justice, la démocratie, l'honnêteté* » (CORBIÈRES *apud* RIETH, 2017).

¹⁸ Texto original: « *Oui, je suis populiste. Je suis un Zemmour de gauche* » (ONFRAY *apud* MARTIN, 2018).

¹⁹ Texto original: « *Oui, je travaille pour le peuple et pour cela je suis populiste* » (ORBAN *apud* STRASSENBURG, 2018).

²⁰ Texto original: « *Le populisme est toujours un mouvement initié par des élites qui sont à la marge d'un système et qui essaient d'en occuper le centre* » (REYNIÉ *apud* FEERTCHAK, 2018).

Esses discursos de protesto não mencionam todas as elites, mas, quando é o caso (Mélénchon), o povo e o populismo são evocados da mesma maneira que no blog de Louise Guersan: despojados e sofrendo, tudo reunido em um único papel patêmico, aqui: a *aversão*. Essa dimensão apaixonada será o assunto da nossa próxima e derradeira discussão.

3.4. *Enunciar e reivindicar é encarnar*

Para acabar com a reinvidicação feita pelos representantes das elites, observemos que, na entrevista de Mélénchon, a *aversão* do povo pelas elites é acompanhada de um convite a uma espécie de *faxina geral* (que *sumam*, ou *se mandem*, na gíria brasileira, liberem o espaço), logo após a passagem citada acima (“Que todas elas se retirem!”). Muito foi dito sobre a *limpeza* eleitoral, mas com o objetivo de substituir antigos eleitos por outros, quase todos desconhecidos. Em vez disso, devemos nos concentrar aqui em outra versão da limpeza: não a substituição, mas o *desaparecimento*.

Uma das principais características dos regimes políticos é o nível e a consistência das mediações estabelecidas entre o actante coletivo (o povo) e seu dever universal e soberano: de fato, no devir de um actante coletivo, a consistência dos fluxos de interação é necessária para a sustentabilidade de sua forma e de sua identidade. Nas democracias liberais, essa mediação é a da representação popular, notadamente pelas assembleias legislativas. Nas chamadas *democracias populares*, ou seja, de inspiração marxista, essa mediação é garantida pelo partido único, que representa, ele mesmo, o *povo*. De maneira mais geral, tudo o que constitui o que é chamado de *corpos intermediários* (ou *órgãos mediadores*), em particular os sindicatos, podem cumprir essa função de mediação.

Mas, após o *grande levante* (cf., acima, o colapso da classe trabalhadora, sobre o projeto de democracia radical de Ernesto Laclau), o povo, tendo se tornado uma entidade inapreensível e polimórfica, e devendo se projetar diretamente no espaço-atrator do populismo, não pode ser representado, e nenhuma mediação em sentido estrito é possível: sua vontade hegemônica, sua soberania não podem ser representadas politicamente. Elas podem ser somente *apresentadas semioticamente*, ou seja, neste caso, *encarnadas*. É somente por meio dessa *encarnação* em uma discussão de enunciação que o *populismo do povo* pode ser apresentado e reivindicado.

As elites da mediação devem, portanto, *afastar-se*, abrindo espaço para que a encarnação possa operar. A encarnação não é uma mediação, é a forma sensível e somática de uma apresentação. O povo, não tendo mais forma ou identidade,

deixa de constituir um corpo. Para aceder à soberania e ao universal, deve, portanto, doar-se ou encontrar um corpo em sua projeção no populismo.

Uma das forças motrizes da reivindicação populista, em particular devido à ênfase (acento) colocada no *éthos* (um princípio de identidade sendo estabelecido na própria reivindicação), mas principalmente devido à natureza enunciativa dessa reivindicação, é, portanto, a *encarnação do povo*. É a *encarnação do povo que pode expressar seu próprio populismo*: o ato de enunciação atualiza um corpo enunciador e se torna o corpo enunciador do povo.²¹

É assim que a reivindicação-encarnação populista dá corpo a um povo que se tornou invisível e não compreendido. Para se convencer, bastaria ouvir os discursos de Chávez: “Porque Chávez não é Chávez. Chávez é o povo venezuelano. Volto a me lembrar do grande Gaitán quando disse [...]: ‘Eu não sou eu, sou um povo’” (NARVAJA DE ARNOUX, 2008, p. 46, tradução nossa).²²

Nesse estágio da análise, a reivindicação populista e sua resultante legitimidade aparecem como uma sequência canônica relativamente estável: (1) uma *apresentação-assunção* do nome e do *éthos populismo*, (2) uma *legitimação de papéis patêmicos* típicos (sofrimento, repulsa, raiva, etc.) e (3) uma *encarnação* direta do povo no corpo enunciador da reivindicação.

Agora temos que entender o que até então era objeto de uma hipótese de trabalho, a saber, o papel das paixões populistas na atração dos temas ou agenda de reivindicações e protestos próprios ou imanentes ao *povo* (no sentido contemporâneo). Em outras palavras, como o povo, em sua nova configuração contemporânea se une ao espaço vazio, mas patêmico, do populismo? A melhor maneira de responder a essa pergunta, mas que não é a mais simples para o semioticista, consiste em examinar quais relações se nota, na opinião e nos resultados eleitorais, entre os temas de reivindicação, as paixões coletivas e as escolhas feitas no momento da votação. Intuitivamente, pode-se duvidar da existência de uma determinação completa entre todos esses fenômenos; pode-se até supor que os papéis patêmicos característicos do povo que sofre não conduzem sistematicamente a escolhas populistas. Se essa intuição for correta, teremos que entender sob quais condições complementares esses papéis patêmicos levam a tais escolhas.

²¹ Essa encarnação do povo por meio da reivindicação populista é estritamente idêntica ao episódio (que, na França, causou alvoroço) em que Jean-Luc Mélenchon se opôs a uma pesquisa, dizendo: “a República sou eu”, ou aquele atribuído a Luís XIV: “O Estado sou eu”.

²² Texto original: “Porque Chávez no es Chávez. Chávez es el pueblo venezolano. Vuelvo a recordar al gran Gaitán cuando dijo [...] : “Yo no soy yo, yo soy un pueblo” (NARVAJA DE ARNOUX, 2008, p. 46).

4. Paixões e práticas eleitorais

Patrick Charaudeau propôs, em 2011, uma análise do populismo sob a perspectiva da Análise do Discurso. Na justificativa dos discursos que ele considera como populistas, identifica quatro grandes temáticas argumentativas: (1) a vitimização do povo, (2) o caráter estereotipado das “fontes do mal” internas (elites políticas e intelectuais, lobbies etc.) ou externas (estrangeiros, migrantes etc.), (3) a identidade do povo e sua insegurança cultural, (4) a passagem obrigatória pelo poder de uma personalidade política, o líder carismático (CHARAUDEAU, 2011).

Essa análise reforça as intuições dos leitores, oferece uma representação do populismo possível de ser narrada, suscetível de ser entendida como uma organização narrativa, com confrontos entre actantes, vencedores e perdedores, um horizonte de valores ameaçado e a perspectiva de uma reversão das relações de força entre as posições actanciais anteriores, com a aparição de um *salvador* (herói). O populismo, contudo, não é um gênero narrativo e, no que tange ao tom e à orientação políticos, seu caráter persuasivo ou não persuasivo se manifesta, primeiramente, na ordem da ação política: nas inflexões e reconfigurações da *opinião pública*, as quais pesam sobre as práticas políticas, e nas *eleições*, que sancionam as diferentes opções oferecidas aos cidadãos. A maneira populista de construir sua própria narrativa ou a narrativa social é provavelmente pertinente com respeito à ação política, mas devemos, primeiramente, compreender como o populismo se enquadra nas principais tendências, na formação de opinião e nas escolhas eleitorais.

Para tanto, devemos examinar não o discurso populista, mas o discurso da Ciência Política e das Ciências Sociais, que fornecem os elementos necessários para reconstituir uma representação da opinião e das escolhas eleitorais, pois pode ser reconstruído a partir de uma série de pesquisas realizadas pelo CEVIPOF (Paris, Fundação Nacional de Ciência Política - CNRS), Pesquisa Social Europeia (Universidade de Londres), *World Values Survey* (Viena, Áustria). A análise econométrica dessas bases de dados, a apresentação e a síntese dos resultados foram estabelecidas por Yann Algan e uma equipe de colaboradores no livro *Les origines du populisme*, desenvolvido pelo CEVIPOF (ALGAN *et al.*, 2019). O interesse dessa abordagem é que ela não parte de uma definição *a priori* do populismo, cujos determinantes semânticos não são, portanto, nem fixos, nem mesmo supostamente já conhecidos. A apresentação dos resultados não se baseia em uma categorização *ad hoc*²³, projetada espe-

²³ Evidentemente, não é imune às categorizações projetadas nas próprias pesquisas, em particular, por meio da elaboração dos questionários direcionados aos entrevistados.

cialmente para descrever o populismo, como o faz, por exemplo, a Análise do Discurso (CHARAUDEAU, 2011). As variáveis examinadas são aquelas de grandes pesquisas transversais e internacionais, sendo (aparentemente) aquelas mantidas como pertinentes hoje pelas Ciências Sociais e Política contemporâneas no plano internacional, para a descrição da opinião pública em geral e não especificamente da opinião populista. Em outras palavras, poderíamos esperar daí um posicionamento comparativo da opinião *populista* em relação a todas as outras, que é, precisamente, o que estamos procurando para validar nossa hipótese sobre papéis patêmicos.

Essas variáveis são pouco numerosas: o eixo de posicionamento *esquerda / direita* é examinado, mas concorre fortemente com o eixo²⁴ *vencedores / perdedores*; a clivagem *confiança / desconfiança em relação aos outros em geral* parece ser cada vez mais determinante; cruza, sem se confundir, com a oposição *sentimento de bem-estar / sentimento de mal-estar*; e finalmente, uma estrutura passional toma forma, combinada com os outros parâmetros: [*raiva / apaziguamento*] vs [*sentimento de medo / sentimento de segurança*]. Obviamente, essas variáveis são escolhidas para medir os efeitos da *globalização* (vencedores / perdedores), o *estado do liame social* (confiança / desconfiança), o *estado fórico* (bem-estar / mal-estar), bem como *grandes paixões político-sociais* que caracterizam os movimentos sociais de todos os tempos (raiva e medo). Quaisquer que sejam as tendências dessas escolhas, elas afetam igualmente todas as correntes da opinião mundial, não apenas o populismo.

Essas diferentes variáveis são abordadas nas pesquisas de opinião sob a forma de enunciados entre as quais o entrevistado deve escolher e / ou classificar. Trata-se, portanto, de *elementos de discurso*, oferecendo uma ampla gama de situações correspondentes a cada variável, mas formatadas em um questionário. Por exemplo, para medir o grau de desconfiança da opinião pública em relação aos políticos eleitos, os autores do CEVIPOF propõem cinco enunciados complementares, constituindo assim uma *escala de atitude*:²⁵

- *Os deputados na Assembléia Nacional [Câmara dos Deputados, no Brasil] deveriam seguir a vontade do povo;*
- *As decisões políticas mais importantes deveriam ser tomadas pelo povo e não pelos políticos;*

²⁴ Ou axiologia, concernente a valores, em sua etimologia.

²⁵ Uma *escala de atitude* cujo coeficiente de confiabilidade estatística *alfa de Cronbach* é aqui igual a 0,685, sabendo que deve ser menor que 1.

- *As diferenças políticas entre os cidadãos comuns e as elites são mais importantes que as diferenças entre cidadãos;*
- *Eu, definitivamente, preferiria ser representado por um cidadão comum a sê-lo por um político profissional;*
- *Os políticos falam demais e não agem o suficiente.*

Outro exemplo: os enunciados usados para avaliar o grau de confiança em terceiros:

- *Você diria que nunca se é suficientemente prudente quando se lida com outras pessoas ou que se pode confiar na maioria das pessoas? (variante: em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas ou que nunca se é suficientemente prudente ao lidar com outras pessoas?)*
- *Você diria que a maior parte das pessoas está tentando tirar vantagem de você ou faz o possível para se comportar corretamente?*
- *As gerações futuras terão mais, tantas ou menos chances de sucesso do que seus pais na sociedade francesa de amanhã?*

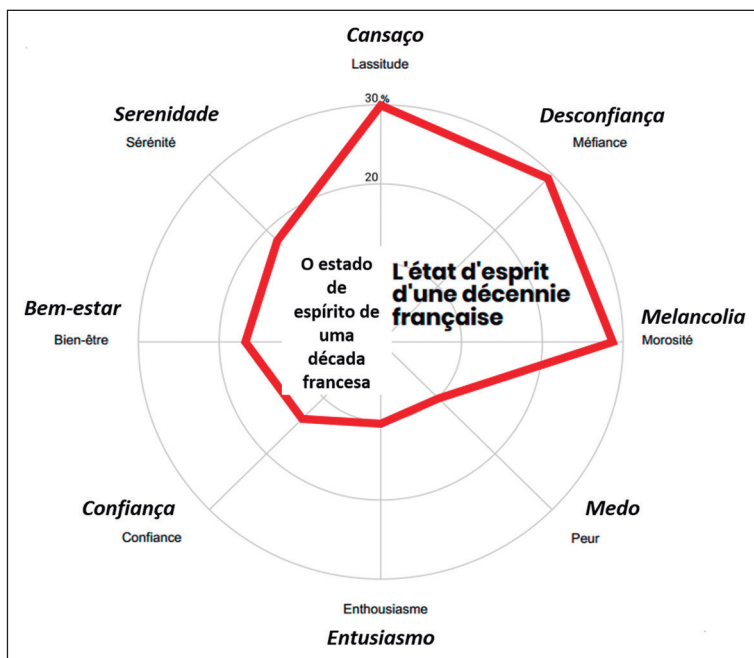
Os discursos são certamente os dos pesquisadores (entrevistadores), mas sua enunciação é apresentada, explicitamente, na forma aparente de perguntas, como *menções* da fala dos entrevistados, que devem ser por eles assumidas ao responder ao questionário; os entrevistadores *predicam*, os entrevistados *assumem* (COQUET, 1984-1985). Nesse jogo de embreagens e de debreagens, é o que pode ser *assumido* na fala popular que aparece, enfim, em filigrana na fala *predicada* pelos entrevistadores. O objetivo, contudo, não é uma análise dessas palavras (na pesquisa citada): trata-se de estabelecer correlações entre *escolhas de fala assumidas* e *escolhas feitas durante práticas políticas*, notadamente a mais emblemática, a eleição e o voto.

Em termos familiares aos semioticistas, se a prática envolve escolhas, então a formação da opinião é um dos elementos da competência exigidos por essas escolhas. É preciso entender aqui *competência* no sentido mais amplo, uma vez que ela certamente comporta constituintes modais (especialmente variedades de *crer* e *querer*), mas também constituintes *afetivos*. Para estabelecer esses constituintes afetivos, dispomos de pesquisas de opinião independentes das análises dos resultados eleitorais e conduzidas por períodos, e com amostragem, muito maiores, ou seja, essas pesquisas de opinião abrangentes e transversais nos forne-

cem uma análise dos papéis patêmicos que se encontram e predominam em um actante coletivo ainda não clivado, de maneira definitiva, por escolhas eleitorais. Essas paixões são as do actante coletivo [ação coletiva] e as predominantes entre elas o são para todos, apesar de nem todo mundo votar em *populistas*. Mais especificamente, a proporção de sua predominância não é um determinante direto do volume de votos.

O CEVIPOF produziu uma análise detalhada dos parâmetros e das variedades da *confiança* e da *desconfiança*, bem como das emoções associadas (CHEURFA; CHANVRIL, 2019)²⁶. O diagrama, abaixo, extraído dessa análise, é inteiramente dedicado a essas paixões e revela um forte desequilíbrio do *estado de espírito* da população. Note-se, aqui, que o conteúdo da *opinião*, que é assim reconstituído, deriva do *estado de espírito* (*humeur*) e não de um pensamento sobre valores, ideologias, preferências e tendências temáticas.

Figura 1 – O estado de espírito de uma década francesa



Fonte: Cheurfa e Chanvriil (2019).

²⁶ Nota dos tradutores : no diagrama, *cansaço* também pode ser entendido como *desesperança*, ou, ainda, *desmotivação*.

O interesse específico desse diagrama, criado por Cheurfa e Chanvril, consiste não apenas na predominância geral das *paixões tristes* (a desconfiança, flanqueada pelo cansaço e pela melancolia), sendo a *desconfiança* o papel patêmico predominante aqui; mas também no fato de que essa predominância caracteriza toda a opinião francesa e não apenas uma parte da população. Isso reforça nossa hipótese anterior e o problema que ela coloca: as paixões típicas do populismo são muito mais compartilhadas do que as escolhas eleitorais populistas.

Além disso, sobrepondo os resultados das várias pesquisas de opinião com as pesquisas sobre escolhas eleitorais, Y. Algan e seus colaboradores, como indicado pelo título de seu trabalho *Les origines du populisme* (As origens do populismo) buscam, principalmente, do lado da opinião, *as correlações com os votos para candidatos populistas*. No entanto, eles também destacam, por meio da análise econométrica dos dados produzidos por pesquisas anteriores, o fato de que *apenas uma parte da população converte esses estados passionais em votos para os candidatos populistas*. No momento do voto, apenas uma parte da população manifesta essas paixões, que tinham sido, no entanto, mais amplamente compartilhadas: essa é a questão que nos interessa.

Devemos então supor, como o fazem Algan *et al.* (2019), que outras determinações entram em jogo, principalmente o eixo *vencedores / perdedores* (em especial, da globalização) e as tradições ideológicas *esquerda / direita* (em particular, baseando-se na estabilidade de sua distribuição geográfica): *a interseção com temas econômicos, ideológicos e políticos é validada: corresponde bem ao voto populista*. Em outras palavras, os temas ideológicos e econômicos ligados ao populismo *devem ser associados a essas “paixões tristes”* (eles são projetados sobre elas, ou vice-versa) para suscitar a passagem ao ato, o voto populista.

Tratamos, aqui, de *três objetos semióticos diferentes*: (i) o primeiro é constituído pelos discursos sobre a gama de temas característicos das tendências e preocupações do *povo*, geralmente associados ao populismo pela mídia e analistas da vida política; (ii) o segundo é constituído pelos estados de espírito, emoções, percepções e impressões verbalizadas durante as pesquisas de opinião; e (iii) o terceiro é constituído por uma prática, comportando uma escolha e um voto. A questão semiótica é, dessa forma, a da articulação entre essas três semioses.

Lembremos da característica essencial da nossa questão: como em qualquer pesquisa de opinião, assim constituída, a que *assume* um dos enunciados propostos procede por *projeção*: a partir da posição que esse enunciado ocupa no actante coletivo, ele se *projeta em uma apresentação* a que o referido actante é submetido, uma apresentação do que poderia se tornar o próprio actante coletivo. Ainda estamos no mesmo processo, que nos conduziria, sobremaneira, a

descrever a projeção de uma certa concepção do povo em um espaço político (cheio ou vazio) em que seu devir toma (ou não) forma; é assim que, poderíamos dizer, a nova configuração do *povo* se projeta no espaço vazio, porém, aspirante ao, e legitimador, do populismo.

Os resultados das pesquisas, analisados e interpretados (veja acima), são precisamente *microprojeções detalhadas* que participam da macroprojeção que havíamos apresentado como uma hipótese geral de trabalho. Podemos, agora, confirmar uma das outras hipóteses associadas à anterior, a saber, que o *vazio* desse espaço de projeção está completamente *cheio de forças e tensões* e que essas forças e tensões são paixões, dominadas neste caso por três *paixões tristes, ou disfóricas*: desconfiança, cansaço e melancolia. Se fosse apenas uma questão de evocar o papel das paixões nas práticas políticas e na propaganda que as acompanha para as tornar persuasivas, a descoberta não seria, sob qualquer hipótese, espetacular.

O resultado que obtemos, todavia, é de uma outra natureza: em resumo, para um povo definido, de forma heterogênea, por partes constituintes que têm como características a fácil proliferação e a incompreensão, o único espaço de projeção que lhe é oferecido para acessar a soberania legítima é *um atrator inteiramente passional, mas legitimado por uma reivindicação enunciativa*. O *povo* é bombardeado por incontáveis temáticas de opinião, frequentemente contraditórias e polêmicas, portanto, não lhe falta *conteúdos* disponíveis; mas, para obter legitimidade enunciativa, ética e uma esperança de soberania, o populismo lhe oferece apenas a poderosa atração passional de um espaço *vazio*, a *ser preenchido* com esses temas e conteúdos.

5. Concluir semioticamente

A aparente estratégia de relutância observada na maioria dos analistas (*populismo*, como tal, é indefinível) encontra uma explicação: para funcionar como tal, deve permanecer vazio de conteúdo específico, seu núcleo semêmico deve permanecer indescritível ou puramente passional. O correlato paradoxal dessa vacuidade de conteúdo - a eficiência da reivindicação enunciativa - também encontra sua explicação: o espaço vazio de conteúdos axiológicos e ideológicos por si só, mas cheio de tensões passionais, ainda assim *tem um nome, populismo*, e esse nome deve ser reivindicado por uma enunciação que, assumindo-o, legitima tensões apaixonadas como atrator à espera de um recheio temático.

Então, voltamos para terminar com a noção de atrator. Utilizamos aqui por metáfora um conceito emprestado da teoria matemática do caos (Smale), adotado pela teoria matemática das catástrofes (Thom) e, finalmente, pela morfo-

dinâmica feno-física (Petitot). Essa metáfora não é mais ilegítima do que muitas outras e tem a vantagem de ser intuitivamente compreensível. O atrator é uma área relativamente estável em uma topologia em que os eventos são determinados e imprevisíveis. É um estado limite, para uma dinâmica que aí se estabiliza, pelo menos temporariamente.

Do ponto de vista semiótico, a noção de atrator pode ser usada sem o aparato matemático e filosófico que geralmente o acompanham, desde que suas propriedades específicas sejam circunscritas. Nesse caso: uma topologia, uma dinâmica específica para uma entidade, um estado limite estabilizador; as forças actanciais na dinâmica e sua entidade só podem tomar forma no estado limite do atrator. Lidamos então, dentro dos limites assim circunscritos, não com uma explicação universal dos fenômenos semióticos, mas com um regime semiótico muito particular.

De fato, por um lado, *povo* é, aqui, uma entidade dinâmica, um actante coletivo cuja composição frágil, em partes, e a fraca regulação dos fluxos de transformações e interações não garantem estabilidade e a sua *formalização*. Mesmo, contudo, na ausência de estabilidade merológica e fluente, ela está se encarnando, inscrita no tempo e no espaço das transformações sociais e políticas. Por outro lado, *populismo*, aqui, implica uma topologia específica, compreendendo um subespaço animado por tensões passionais e aguardando um recheio temático. *A dinâmica e a entidade denominada “povo” se estabilizam no atrator topológico denominado “populismo”*.

Esse é um regime semiótico particular, por um lado, porque os actantes coletivos obviamente não são todos instáveis, imprevisíveis e pouco determinados e, por outro lado, porque nem todas as topologias em que se desenrolam contêm estados limites, ainda menos espaços vazios animados por tensões passionais. Poderíamos então chamar provisoriamente esse regime semiótico de *amarração passional*: por falta de vínculos internos suficientes, falta de coerência axiológica nos temas a ele associados, a consistência do actante deve estar amarrada a outras forças, aqui de um tipo passional, para que o coletivo tenha alguma esperança de persistir, se não mesmo de existir.

REFERÊNCIAS

ALGAN, Y. *et al.* **Les origines du populisme**: Enquête sur un schisme politique et social. Paris: Seuil, 2019.

BORDRON, J.-F. Les objets en parties (esquisse d'ontologie matérielle), **Langages**, Paris, n.103, 1991.

CHARAUDEAU, P. Réflexions pour l'analyse du discours populiste. **Mots** : Les langages du politique, Lyon, n.97, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mots/20534>. Acesso em : 01 nov. 2019.

CHEURFA, M.; CHANVRIL, F. 2009-2019: la crise de la confiance politique. **Sciences Po-Cevipof**, Paris, jan. 2019. Disponível em : <http://www.sciencespo.fr/cevipof/fr/content/le-barometre-de-la-confiance-politique>. Acesso em: 20 jan. 2020.

COMMENGES, H. **L'invention de la mobilité quotidienne** : Aspects performatifs des instruments de la socio-économie des transports. 368 f. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - Université Paris-Diderot, Paris, 2013. Disponível em: https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00923682/file/Commenges_TheseDoctorale2013.pdf. Acesso em : 10 jan. 2020.

COQUET, J-C. **Le discours et son sujet** : I et II. Paris: Klincksieck, 1984-1985.

FEERTCHAK, A. Tour du monde des pays touchés par la vague du populisme. **Le Figaro**, Paris, 27 out. 2018. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/international/2018/10/27/01003-20181027ARTFIG00028-tour-du-monde-des-pays-atteints-par-le-populisme.php>. Acesso em: 01 jan. 2020.

FONTANILLE, J. Populisme: le grand chambardement sémiotique ?. **Actes Sémiotiques**, Limoges, n. 123, 28 fev. 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6440&file=1>. Acesso em: 28 fev. 2020.

FONTANILLE, J. **Formes de vie**. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015.

FONTANILLE, J. **Corps et sens**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Sémiotique**: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Sémiotique des passions** : Des états de choses aux états d'âme. Paris: Seuil, 1991.

GUERSAN, L. Je viens de découvrir que Je suis populiste. **Ripost Laïque** [online], 29 dez. 2018. Disponível em: <https://ripostelaique.com/je-viens-de-decouvrir-que-je-suis-populiste.html>. Acesso: 01 dez. 2019.

KOUVÉLAKIS, S. Contre la raison populiste : Les impasses d'Ernesto Laclau. **Contretemps**: Revue de critique communiste, Sydney, 2 jun. 2019. Disponível em: <https://www.contretemps.eu/raison-populiste-impasses-laclau/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

LACLAU, E. **Politics and Ideology in Marxist Theory** : Capitalism, Fascism, Populism. London : Verso, 2011 [1977].

LACLAU, E. **On Populist Reason**. London: Verso, 2005.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy**. London: Verso, 1985.

MARTIN, E. Michel Onfray: “Oui, je suis un populiste. Oui, je suis un Zemmour de gauche”. **Nouvelles de France**, Paris, 10 out. 2018. Economie / Entreprises. Disponível em : <https://www.ndf.fr/politique/11-10-2018/michel-onfray-oui-je-suis-un-populiste-oui-je-suis-un-zemmour-de-gauche/>. Acesso em: 28 nov. 2019.

MÉLENCHON, J.-L. Mélenchon: “Populiste, moi ? J’assume”. **L’express**, Paris, 16 set. 2010. Actualité / Politique. Disponível em: https://www.lexpress.fr/actualite/politique/melenchon-populiste-moi-j-assume_919603.html. Acesso em: 10 out. 2019.

NARVAJA DE ARNOUX, E. **El discurso latinoamericanista de Hugo Chávez**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

RIETH, B. Alexis Corbière: «Je suis populiste, je n’ai pas de problème à le dire». **Sud Radio**, Paris, 24 mar. 2017. Politique. Disponível em : <https://www.sudradio.fr/politique/alexis-corbiere-je-suis-populiste-je-nai-pas-de-probleme-a-le-dire/>. Acesso em : 15 nov 2019.

STRASSENBURG, R. Rencontre : Qu’est ce que le populisme? **Heinrich Böll Stiftung**, Paris, 19 dez. 2018. Disponível em : <https://fr.boell.org/fr/2018/12/19/rencontre-quest-ce-que-le-populisme>. Acesso em: 17 out. 2019.

TAGUIEFF, P-A. Le populisme et la science politique, du mirage conceptuel aux vrais problèmes. **Vingtieme Siecle**, Paris, n.56, p.4-33, out/dez. 1997.